

## Capítulo 2

### **A contribuição de Heidegger para esta reflexão (análise dos textos *Serenidade e Questão da Técnica*)**

No primeiro capítulo apresentamos alguns acontecimentos ligados à técnica a fim de chegar a uma estrutura geral do desenvolvimento da relação existente entre ela, o homem, e a natureza.

As técnicas são desenvolvidas de modo antropocêntrico ou humanista no sentido de que, em geral, todas têm em vista algum bem para o homem. Inicialmente seu desenvolvimento busca a sobrevivência, mas, com o tempo, passa a buscar também conforto, sofisticação, beleza, etc. Depois de desenvolvida, uma técnica pode ser reproduzida em contextos variados, desvinculando-se, assim, de sua origem e dos elementos que conduziram ao seu surgimento. Alguns dos seus efeitos colaterais só podem ser percebidos após algum tempo de uso, isto é, o que tem se mostrado é que embora possamos produzi-las não podemos garantir o controle sobre todos os seus efeitos, mesmo porque não os conhecemos inicialmente.

A partir de certa época, quando estes efeitos colaterais (especialmente os considerados prejudiciais) são colocados em evidência e quanto maior a publicidade das informações, mais é exigido daqueles tidos como responsáveis para que tomem medidas no sentido de freá-los ou controlá-los. Esta exigência surge junto à discussão a respeito da importância do impacto sobre o meio ambiente, o mais das vezes devido a sua influência para a qualidade de vida do homem. Diante disso, a preocupação em torno dos efeitos da técnica sobre a natureza e os investimentos em soluções para estes problemas ganham maior dimensão e busca-se, então, uma maneira de conciliar técnica e cuidado com o ambiente, de modo que não seja necessário abrir mão de nenhum dos dois por completo (talvez porque isto não tenha sido possível) e que ainda se possua qualidade de vida.

Neste capítulo pretendo discutir esta estrutura a partir de algumas questões centrais, aproveitando a reflexão de Heidegger e suas contribuições. Escolhi os seguintes tópicos para nortear o estudo:

1-Heidegger reflete sobre o que é essencial a toda manifestação da técnica e, indo além das características de algum tipo ou contexto particular datado (embora passando por estes e os aproveitando), constrói uma compreensão abrangente. Esta compreensão ultrapassa estas delimitações e procura perceber quais são elas (isto é, o que cada maneira de pensar a técnica abrange e o que exclui). Ao se perguntar o que constitui a essência da técnica, Heidegger retoma suas manifestações, o modo como ela já foi pensada e busca um sentido que permaneça ou que ligue suas manifestações, não obstante suas transformações e variações. Esta concepção de técnica pode ser considerada mais livre quanto ao desprendimento das características específicas de um modelo de técnica de um lugar ou de uma época, ao mesmo tempo busca abarcar a técnica onde quer e quando quer que se tenha manifestado. Pensar a técnica em direção a sua essência pode ser um caminho para a construção de uma relação mais livre com ela e com a natureza.

2-Resgata a origem do conceito de técnica e seu sentido inaugural, caracterizando-a naquele contexto e estabelecendo um paralelo com sua concepção moderna. Encontrando suas relações originais, pensa sobre em que medida estas relações permanecem ou estão desfeitas modernamente e o que acompanha cada conjunto distinto de relações. Cada concepção de técnica acontece acompanhada de um tipo especial de pensamento, porém há um sentido que faz com que elas estejam ligadas, a partir do qual podemos perceber aquilo que mudou e os desdobramentos desta mudança. Estes tipos de pensamento que acompanham o desenrolar da técnica incluem diferentes abordagens da natureza e do que entendemos por realidade. Pensar a realidade (inclusive para com a natureza e conosco) e agir para com ela de determinada maneira compõe o acontecimento da técnica e questionando este acontecimento podemos avaliar as características (ou classificá-las como vantajosas e danosas) de cada conjunto de relações. Refletindo sobre o que estamos almejando enquanto seres humanos, podemos então investir nas relações que nos pareçam mais interessantes.

3-Ele observa que há na modernidade a supervalorização de um modelo de técnica que se fundamenta em um modo de pensar especial o qual determina e quantifica a realidade, o pensamento calculativo. Com a sua supervalorização, este modo de pensar tem ganhado exclusividade em nossa compreensão do mundo, que passa a ser considerado apenas sob esta perspectiva. A realidade só é aquilo que se deixa

calcular, que se oferece a esta abordagem quantificadora (pensamento calculativo), que é exigida para a técnica moderna.

Heidegger mostra como o modelo antigo de técnica estava ligado a outra abordagem da realidade (da técnica, da natureza e do homem) e indica a possibilidade de uma abordagem alternativa, o pensamento meditativo, que se orienta pela essência daquilo que é pensado e que se mostra como real nesta relação. Heidegger não propõe o abandono do pensamento calculativo, mas a devida valorização de outras possibilidades de compreensão do mundo.

Ele procura mostrar como este tipo de pensamento é limitado, chamando a atenção para um aspecto próprio à realidade que não se deixa submeter ao cálculo e a técnica – o mistério, o oculto. Este aspecto pede uma compreensão diferente, no sentido da reflexão sobre a essência e que pode estar ligada a uma postura mais livre e mais desejável para nossa realização. O pensamento meditativo busca abordar a realidade deixando que ela seja o que é, sem que para isso necessite submetê-la e dominá-la. Nisto ela se distingue daquele modo de pensar que pretende impor o que ela deve ser e que aparece na base da técnica moderna.

Ao explorar mais profundamente como se realiza a relação com a natureza predominante na técnica moderna o filósofo percorre elementos que se entrelaçam em sua essência e indica a possibilidade de reconduzir ou ao menos atentar para as possibilidades do caminho que nos é destinado enquanto humanos. Nossas possibilidades vão além de descobrir a realidade exclusivamente do modo exigido pela ciência e pela técnica moderna. Neste sentido também se insere a questão sobre de que maneira o homem está colocado neste acontecimento que é a técnica moderna e que poderes estão envolvidos nele, isto é, em que medida o homem está submetido e em que medida é livre quanto a esta maneira de pensar, agir e lidar com a técnica. Heidegger nos fala sobre o destino do homem, o caminho que se descobre para ele e com ele. Há uma força essencial da técnica que nos seduz e nos impele para seu domínio, porém, há também um empenho e um compromisso assumidos por nós para que uma das possibilidades do destino vigore. É importante que pensemos sobre estas possibilidades para conquistarmos aquela que podemos considerar nossa liberdade.

4-Como último item escolhi a análise, construída por Heidegger, das tendências que se vislumbram com o domínio deste modo de pensar no qual a técnica moderna se apoia. Entre eles estão o enfraquecimento das tradições, das ligações

originais e das propriedades de cada coisa, dos vínculos que se estabeleciam com o lugar de origem e seus hábitos. Este enfraquecimento, por exemplo, conta com a contribuição de recursos técnicos que afastam o homem dele mesmo e ameaçam aquilo que outrora foi a base para a permanência e o florescimento do homem e de suas obras. Juntamente acontece a substituição das referências que nos orientam – antigamente, os costumes de um povo e as características de um lugar e, modernamente, as que são produzidas com a técnica.

A ameaça ainda mais grave trazida pela técnica moderna é de que as outras possibilidades de pensar a natureza, outras vias para o desencobrimento do real sejam deixadas de lado, trancadas, atrofiadas. Isto é, nos entregando ao pensar próprio da técnica e, dando-lhe exclusividade, corremos o risco de negligenciar o mistério (pois este não se deixa calcular, medir ou dominar) como constituinte do que chamamos real e de abandonar outra possibilidade de pensamento, que deixa ser a realidade sem exigir que ela seja algo, um pensamento que busca o sentido e a essência daquilo que se mostra.

Separando estes pontos como referência, esboçamos um caminho para o desenvolvimento desta pesquisa que pretende, dentro de suas limitações, colaborar para a reflexão sobre possibilidades para uma lida e uma convivência mais harmônicas com a técnica e com a natureza.

Neste capítulo trataremos das questões discutidas nas obras de Heidegger procurando selecionar pontos que dialoguem com os tópicos propostos e aqui resumidos, buscando localizá-los e formular, em uma interpretação própria, uma noção geral de sua reflexão.

## **2.1 Serenidade**

A seguir, um estudo do texto Serenidade que destaca as ideias encaixando-as nos tópicos listados acima, observando o modo como aparecem neste discurso e como se relacionam com algumas discussões em andamento.

### **2.1.1 Quanto ao que é essencial na técnica**

Neste texto Heidegger caracteriza os elementos do mundo da técnica (organizações, dispositivos e maquinaria) como indispensáveis para todos nós em

graus variados, quer dizer que a importância que lhe atribuímos é uma característica daquilo que compõe a técnica. Somos dependentes destes elementos, que não são “passivos”, pois agem sobre nós provocando-nos a aperfeiçoá-los incessantemente. Esta provocação sempre presente na técnica não é produzida pela técnica, mas está em sua essência a qual não se reduz apenas a cada uma de suas manifestações nem aos elementos que participam dela.

Em todo processo técnico há um sentido que nos afeta e reclama direito sobre nosso fazer, mas não foi criado por nós. Também a relação do homem com a natureza e com o mundo possui um sentido e dela dependem a técnica, o uso e a produção de máquinas e todo agir relacionado (p6)<sup>1</sup>. Também a técnica atômica possui, enquanto um dos modos de ser da técnica, um significado e um sentido oculto que pertencem ao âmbito do mistério (p7), que não são produtos técnicos nem voluntariamente acrescentados pelo homem, mas que de alguma maneira o afetam e dizem respeito a ele, porém não podem ser por estes dominados. Para pensar a essência da técnica é importante compreender este sentido do modo como ele se mostra e, mais ainda, o modo como se oculta.

### **2.1.2 Sobre a comparação entre técnica antiga e técnica moderna**

Para pensar a técnica e o que lhe é essencial também é importante perceber que transformações aconteceram ao longo de seu desenvolvimento. Estas transformações colaboram para a percepção de um sentido que as une e que participa da essência da técnica, indo além de cada um de seus momentos. Através de um paralelo entre a técnica antiga e a técnica moderna o texto indica uma mudança na concepção de natureza (uma revolução radical na visão de mundo), a qual passa a ser compreendida como reservatório, fonte de energia para a técnica e para a indústria. Heidegger localiza no tempo e no espaço o ponto em que se deu o desenvolvimento da relação “fundamentalmente técnica” entre o homem e a totalidade do mundo, a saber, a Europa, durante o século XVII. Esta localização é segundo uma ciência e, por isto, necessita abordar o fenômeno da mencionada relação em seus limites e moldes que lhe são próprios (do cálculo). Esta limitação

---

1 Numeração referente às páginas da Tradução de Tito Marques Palmeiro.

impede que esta abordagem possa atingir a essência da técnica e da relação entre o homem e a técnica moderna por completo.

A relação entre técnica, homem e natureza que surge na modernidade, diferentemente dos outros modos de ser da técnica, não está mais vinculada às épocas anteriores e ao destino de um povo, ela acontece desvinculada de seu percurso (pag4). E enquanto o problema para a técnica no modelo antigo era encontrar combustível, buscar e encontrar na natureza energia para a manutenção das atividades humanas, o problema para a técnica moderna—que através de sua abordagem da natureza descobriu energia suficiente para destruí-la de modo incontrolável—seria controlar esta enorme quantidade de energia e poder que a pesquisa atômica colocou em evidência e à disposição, evitando que estes destruam tudo (pag5).

Segundo sua reflexão, a era atômica oferece outro risco ainda maior que a aniquilação da humanidade ou da terra: o risco de que o pensamento calculativo (o tipo de pensamento que está na base da técnica moderna) se torne o único. Este acontecimento viria acompanhado da extinção do antigo enraizamento de um homem e de sua obra em sua terra natal e também colocaria em risco a possibilidade de que haja um novo enraizamento.

Mesmo oferecendo tantos perigos, a revolução desta era de domínio da técnica moderna e do pensamento calculativo ameaça cativar, impressionar e seduzir o homem (p7).

### **2.1.3 Que possibilidades de relação com a técnica e com a natureza se apresentam ao homem**

Heidegger observa que, desde há muito, o poder e a força da técnica agem sobre o homem: o monopolizam, pressionam, limitam e arrastam, ultrapassando sua vontade e sua capacidade de decisão, um poder que não foi feito “pela mão do homem” (pag.5).

Embora haja um risco da predominância do pensamento calculativo associado à abordagem técnica do mundo, Heidegger indica como alternativa o caminho do “pensamento meditativo”, considerando que com ele poderíamos garantir solo para que futuramente o homem possa de novo enraizar e florescer (pag6). Este pensamento alternativo é caracterizado por exigir que não se

permaneça preso a um aspecto ou a uma representação e através dele podemos estabelecer uma relação diferente com a técnica, “maravilhosamente simples e calma” na qual permanecemos livres e deixamos entregues a eles mesmos os objetos técnicos. Não deixamos com isto de lidar com estes objetos, até porque seu uso é inevitável, mas o que podemos evitar é que estes nos reivindiquem exclusividade e, assim, que distorçam e confundam tornando deserto nosso ser enquanto humanos. Apropriando-nos desta possibilidade (de lidar com estes objetos a partir do pensamento meditativo), deixamos que entrem e ao mesmo tempo fiquem de fora de nosso mundo, como coisas que dependem de algo superior e não como absolutas. Esta atitude Heidegger chama de “serenidade”, um simultâneo sim e não e ela também está ligada a um sentido que governa a relação do homem com a natureza, com o mundo, e que não foi criado por nós, este sentido que permanece obscuro, oculto, misterioso (pag6). “Serenidade e abertura para o mistério” pertencem-se mutuamente e estão ligadas a uma atitude alternativa para com o mundo, a qual permitiria um novo enraizamento, isto é, a volta transformada do antigo enraizamento e uma conduta livre com relação aos objetos técnicos. Através de um pensamento persistente e corajoso o homem pode salvar o que lhe é mais próprio enquanto ser meditativo, percebendo a importância desta outra forma de pensar o mundo (p7).

#### **2.1.4 A ameaça oferecida essencial da técnica moderna**

Como um dos acontecimentos que acompanham a técnica moderna e o domínio do pensamento calculativo, Heidegger se refere ao desligamento da terra natal, própria a cada um e a cada coisa, seu povoado e seu solo, próprios a cada acontecimento. Na modernidade estas ligações originais e estas propriedades foram substituídas pela “engrenagem das grandes cidades” e pelo “deserto dos distritos industriais”. A técnica moderna promove este desligamento na medida em que seus recursos de comunicação, por exemplo, (revistas, rádio, televisão, filmes) orientam o modo de agir do homem, mais do que o lugar em que vive e mais do que as convenções e costumes do povo que lhe é próprio. Isto representa uma ameaça, pois, segundo o filósofo, deste enraizamento depende o florescimento de qualquer obra sólida, isto é, uma terra natal na qual se possa permanecer e da qual tire forças (p.3) é fundamental para que o homem realize

seus feitos. Há um poder enraizador da terra natal a partir do qual se pode pensar na origem de uma obra sólida (p.7).

Para a chamada “era atômica”, na qual o pensamento meditativo perdeu seu lugar mais próprio, Heidegger prevê o desligamento entre o desenvolvimento de uma técnica e seu objetivo inicial, aquilo que se buscava ao desenvolvê-la e seu contexto original. Elas poderão ser (e serão) reproduzidas em qualquer lugar habitado pelo homem (por exemplo, a busca por energia está desvinculada da Europa, seu lugar de origem) (p.4).

Revisando os riscos que a técnica moderna oferece conforme foram expostos neste texto, destacamos:

a)O risco de não haver mais enraizamento nem possibilidade de um novo enraizamento. Os laços originais se desfazem e não é possível criar novamente laços que enraízam e a partir dos quais algo se nutre e floresce. Perdendo o enraizamento, perde-se o *sentido*, enquanto fio condutor que liga o desdobramento de cada fenômeno a partir de suas relações originais – torna-se necessário reformular a compreensão da *essência*, se ela é desvinculada de um sentido que se dá a partir de uma origem e de um desdobrar;

b)O risco da destruição material de tudo, em função da energia descoberta e colocada à disposição pela técnica. Esta energia, porém, ainda que disponível, não foi totalmente controlada e a dimensão de seus efeitos extrapola o alcance da técnica e do homem (como no exemplo da bomba atômica).

c)O risco da redução da essência humana àquilo que pode ser pensado técnica e cientificamente. O homem pode se deixar cativar pela técnica a ponto de abrir mão de todas as suas outras possibilidades, sobretudo a do pensamento meditativo, de se empenhar no *sentido* das coisas, permanecendo, assim, preso e limitado ao pensamento calculativo.

## **2.2 Questão da técnica**

### **2.2.1 Essência da técnica**

Esta primeira seção busca traçar uma noção da técnica e das relações que a constituem do modo como é apresentada por Heidegger neste texto. De saída, ele nos mostra que entre as formas de pensá-la pode-se optar por uma determinação

do tipo instrumental e antropológico, que a define como meio para fins, um fazer do homem e um instrumento (pag376)<sup>2</sup>. Porém, esta determinação (instrumental e antropológica), ainda que correta, não mostra sua essência.

Em uma análise mais atenta das noções envolvidas nesta determinação, Heidegger nos apresenta o sentido de sua determinação como instrumento, que é também um meio para alcançar um fim. Enquanto intermédio, é através dele que algo se efetua e, neste sentido, a técnica é aquilo que tem um efeito, que faz com que se efetue, o que também dizemos ser causa de algo (377). Resgatando a essência da causalidade segundo o pensamento grego antigo temos que causar é ocasionar, é deixar-viger e, quando no causar se dá uma passagem de uma não-presença para uma presença que se antecipa, este deixar-viger ou ocasionar era também, naquele contexto, entendido como produzir.

Assim, a investigação pela essência da técnica segue pensando o produzir, inclusive em seu sentido grego (379). O produzir pode ser entendido como levar do ocultamento ao desocultamento, desabrigar, desencobrir ou descobrir. O que os gregos chamavam deste descobrir (*aletheia*), os romanos chamaram de *veritas* e nós chamamos de verdade e costumamos entender como exatidão da representação.

A essência da técnica se relaciona com o desabrigar (que chamamos de verdade) no qual está a possibilidade de elaborar levando do ocultamento ao desabrigo. O produzir se fundamenta no desabrigar e envolve os modos da causalidade e os domina. Além da análise da determinação instrumental da técnica como causa de produção de verdade, Heidegger atenta para o significado da palavra técnica, em sua origem grega e nota que seu sentido traz o poder e o fazer manual e artístico (o fazer das artes superiores e belas artes). Enquanto pertence ao produzir é ela também algo poético.

Desde a antiguidade até os tempos de Platão a noção de técnica esteve associada à palavra grega *episteme*, ambas significando conhecer (entender, dar explicação, provocar uma abertura), um dos modos de desabrigar. Aristóteles diferenciou variações do desabrigar quanto ao que desabrigam e ao modo como o fazem, isto é, embora haja formas de o homem desabrigar o real, especialmente

---

2 Numeração referente à tradução de Marco Aurélio Werle.

para a técnica mostra-se aquilo que não se produz sozinho, que ainda não está à frente e pode, então, aparecer de formas variadas. O que se mostra desta forma deve ser produzido segundo as perspectivas dos quatro modos de ocasionar (enumerados por Aristóteles), no qual antecipadamente algo é proposto e a partir deste determina-se o modo da elaboração (380).

A técnica, um entre os modos possíveis do desencobrir, acontece onde acontece a verdade e, enquanto tal, ela também é um destino e é produção no sentido da *poiesis* grega. A força que coloca o homem na técnica moderna é também um destino (esta força é nomeada por Heidegger de composição (*Gestell*) e será mais profundamente discutida adiante).

Embora o destino domine e reja o homem (pois ele não é conforme a causalidade de seu querer ou conforme a sua vontade, não pertence a estes originariamente), ele não é uma fatalidade, uma coação ou algo incontornável, pois só em um destino o homem é livre (quando ouvinte e não servo). Também a técnica moderna pertence ao destino e, como todo descobrimento, provém do livre e conduz ao livre. A liberdade tem algo do desencobrir, colocado em seu caminho pelo destino e sempre acompanhado de um encobrir e de um mistério que pode libertar (388).

Em resumo, a técnica foi pensada como uma das formas de descobrir o real que exerce uma força de atração sobre o homem e na qual ele tem uma participação especial, completando sua realização. O real descoberto desta forma envolve o produzir e a causalidade e pode acontecer de maneiras diversas, pois não está adiante até que seja descoberto. Embora esta maneira de descobrir se apresente no destino do homem ela não é a única maneira que lhe é própria e também não é incontornável.

Tendo analisado a determinação da técnica e suas possíveis interpretações, Heidegger propõe a análise do que compreendemos por essência, mais geralmente tomando sua compreensão como “aquilo que alguma coisa é”, *quidditas*, o que convém e pertence a todos os exemplares reais e possíveis de algo. Todos eles estão submetidos ao que aparece como seu gênero comum, seu “universal” ou seu conceito genérico.

Mas, pensar a essência da técnica moderna como composição não é dizer que ela é “universal” para a técnica; embora haja elementos técnicos que pertencem à composição ela não é a essência da técnica como um gênero. Ainda

que a *poiesis* e a composição sejam modos do desencobrir, não o são desta forma geral como espécies subsumidas a um conceito geral. As duas participam do destino que se desencobre para o homem ora como produzir (*poiesis*), ora como explorar (composição). Aparecendo em seu destino, a composição se torna essência da técnica, mas não como gênero. Perceber isto nos exige que pensemos de que outra forma (que não como gênero) a composição se torna essência da técnica (391). Essência tem o sentido de duração, verbalmente pode ser expressa como vigência e compreendida como “enquanto vige e se realiza a presença [de algo]”. Sócrates e Platão pensaram em essência, vigência e duração como o que é duradouro, que sempre é e perdura, o que permanece também expresso como estrutura, perfil, ou a ideia. A noção de ideia mostra tudo que se constitui como aquilo que ela indica, porém os exemplares reais e possíveis são variações desta ideia, mas, sendo mutantes e passageiros, não têm o caráter do duradouro e permanente.

Com isto não fica provado ainda que o duradouro só se possa fundar e residir na ideia desta forma compreendida nem no que a metafísica costuma entender como essência (392). Segundo Heidegger, duração também pode ter o sentido de conceder (ou consentir) continuamente. Há uma sintonia entre durar e conceder ao ponto de que um só acontece com o outro, só dura o que se concede [não de qualquer maneira, mas] de forma inaugural, a partir das origens. A técnica no modo da composição explora e, assim, não parece ser um conceder (e sim um impor, um submeter), porém, o desafio da exploração também envia o homem para um destino de desencobrimento. Impõe-se que o homem entre naquilo que ele não fez nem inventou. O destino da composição que tem o modo da exploração é (propriamente) o perigo extremo para a essência do homem, mas aí cresce também o que salva. Para que, na composição, apareça o que salva é necessário que haja uma concessão (um dar-se continuamente). Aquilo que envia para um destino é o que salva quando leva o homem a perceber e entrar em sua essência, a saber, guardar e proteger o desencobrimento e o encobrimento (393). Por isto, a essência da técnica guarda a possibilidade de mostrar o que salva se atentarmos para ela e para o sentido que teve em outros momentos, mais originais (393).

## 2.2.2 Técnica moderna e técnica antiga: concepções distintas da técnica

Nesta seção perceberemos a distinção apontada por Heidegger entre os sentidos da técnica em diferentes épocas em que ela esteve presente, mais especificamente, o sentido grego antigo e o sentido moderno. Construindo um paralelo entre estes, exploraremos a forma de pensar e de realizar a técnica em cada uma das épocas a fim de identificar o que varia de uma para a outra.

Parte-se de um ponto comum para analisá-las, pois a determinação instrumental e antropológica da técnica como meio para alcançar um fim se refere corretamente tanto à técnica moderna como à antiga (376). Também o trazer para vigência aquilo que não é vigente (deixar acontecer o que não acontece), o “produzir”, neste sentido se relaciona com a essência da técnica e se refere tanto ao modelo antigo como ao moderno.

No sentido grego o produzir aparece como *poiesis*, deixar viger, conduzir à vigência, ao vigor, e isto tanto no sentido da técnica e do fazer manual quanto do fazer artístico. Embora o produzir apareça associado à *physis* (entendido aqui como brotar da natureza), esta última se diferencia da técnica por possuir em si a irrupção do produzir. Isto é, na natureza aquilo que emerge o faz a partir de si, enquanto no produzir manual e artístico a irrupção não está naquilo que surge, mas no artesão e no artista (ou no técnico que produz) (379). Há, porém, uma diferença na compreensão antiga do produzir enquanto desocultar, fazer surgir algo que estava oculto (*aletheia*), e a compreensão moderna transformada, na qual o que está diante de nós é entendido como verdade com um sentido de exatidão da representação – nesta transição para a modernidade, deve-se indicar a problemática que envolve aquilo que deve ser representado no contexto da modernidade e que se surgia ou se desocultava no contexto da antiguidade, o fenômeno ou a realidade, o objeto, que em seu percurso apareceu de diversas formas, entre elas, como aquilo que pode ser constatado e representado pelo pensamento, que pode ser conformado a seus meios de representação, mas também como uma dinâmica do mostrar-se e ocultar-se simultaneamente, reivindicando um pensamento que a pense (380).

A determinação da ligação da essência da técnica com o lugar onde se dá o desencobrimento costuma ser considerada válida para o pensamento grego e, no

máximo, para a técnica artesanal, mas não para a técnica moderna a qual consideramos distinta por se assentar na ciência exata da natureza. Porém também a física moderna, na qual se baseia esta ciência depende do progresso dos aparelhos produzidos tecnicamente, isto é, técnica, física e ciência modernas influenciam-se umas às outras e dependem umas das outras. Mas, se considerarmos o desencobrimento como traço fundamental da técnica (não uma exclusividade da técnica antiga, mas também relacionado à técnica moderna), mostra-se então a novidade da técnica moderna. Enquanto no modelo antigo a produção era compreendida no sentido da *poiesis* grega como um deixar viger, deixar acontecer (cuidar para que aconteça), no modelo moderno a produção acontece como exploração que impõe (não como um “deixar acontecer”, mas um “impor”) à natureza a pretensão de fornecer energia a ser beneficiada e armazenada. Diferente do modelo moderno, o desencobrir na técnica antiga não consistia em retirar ou extrair a energia da natureza para armazená-la. Modernamente a terra passa a se desencobrir como reserva, depósito, jazida de energia, ou seja, acontece uma mudança no modo do desencobrir, não obstante ele permaneça presente. No modelo antigo, a lida técnica com a natureza (lavar e preparar a terra) tinha o sentido de cultivar e proteger a mesma, dispor do solo era tratar e cuidar dele. No modelo moderno lidamos com o solo no sentido de provocá-lo, desafiá-lo e explorá-lo como fornecedor (381).

Não apenas a terra é dessa maneira descoberta e disposta, mas até mesmo o homem está hoje disposto para a indústria. A técnica moderna não é apenas um fazer do homem, mas um desafio poderoso ao homem no sentido de que tem o poder de fazê-lo dispor da realidade e dele mesmo, isto é, de reduzir ambos à disposição (tudo é tomado como disponibilidade quando é descoberto desta maneira). Composição é como Heidegger chama a força que reúne o apelo ao homem para esta forma de desencobrimento (que explora e põe à disposição) e a realidade descoberta desta forma. Ela não tem apenas o sentido da exploração, pois guarda, do produzir (da *poiesis*), o sentido do trazer para a vigência. Composição e produção permanecem, assim, aparentadas, mas ainda fundamentalmente diferentes sendo, ambos, modos de desabrigar que vão além de um meio para um fim e de um fazer humano (385).

Embora, considerando o âmbito historiográfico dos cálculos, a técnica moderna tenha surgido depois da ciência exata da natureza se estabelecer nela

apoiando-se, esta última já estava à seu serviço, se pensarmos a partir do ponto de vista histórico (é necessário esclarecer que Heidegger apresenta diferentes significados para os termos história e historiografia, querendo dizer, respectivamente, a que se refere ao ser e a que se refere às datas segundo a cronologia utilizada pelas ciências modernas). A teoria da natureza e a física moderna são precursoras e prepararam o caminho, não para a técnica, mas para a essência da técnica moderna, que se esconde e se encobre, tanto depois quanto no momento em que ela acontece. A força de exploração rege a física moderna e lhe é primordial (historicamente), mesmo que para nós, homens, ela só apareça, pelo cálculo historiográfico, no final, assim como tudo que é essencial (a ciência da natureza aparece no século XVII e os aparatos técnicos modernos, no século XVIII) (386). A possibilidade de se dispor da natureza e desencobri-la como disponibilidade é uma exigência da composição. É necessário para a física moderna que a natureza forneça dados que se possam calcular e que continue sendo um sistema disponível de informação.

A física, que apoia a técnica moderna, gradativamente se adapta a uma renúncia ao concreto e sua percepção sensível. Antes ela demonstrava o produzir/deixar viger da natureza, em um momento intermediário ela passa a representar o objeto e posteriormente abandona esta representação, passando a se resumir a notificar as disponibilidades. Para tal, depende que a natureza se mostre exclusivamente como disponibilidade e, assim, se distingue da concepção antiga em um processo na qual a noção de causalidade se reduz. A física já não se volta para a representação de objetos que estão diante, nem demonstra o deixar viger produtivo ou as causas eficiente e formal. A causalidade como foi compreendida originalmente (o sentido grego da palavra) tende a se reduzir e atrofiar em um processo correspondente de adaptação e conformismo ao novo modo da técnica (387).

Em resumo, diferenciou-se a técnica antiga como aquela cuja causalidade tem o sentido de “ocasionar”, é “deixar-viger” associado ao produzir enquanto passagem de uma não-presença para uma presença que é desta forma antecipada, e à *poiesis* que, assim como a *physis*, faz algo viger. Nela, não se retira e extrai a energia da natureza para armazenar (como acontece na modernidade), pois se lida com a terra cultivando, tratando, protegendo e cuidando. A técnica moderna está associada às noções de explorar e de ter à disposição através de representações

que não são intuídas nem perceptíveis, e isto não por uma decisão humana, mas porque a composição, a força que atrai o homem para esta forma de desencobrimento impõe que a natureza apareça como disponibilidade fornecedora de dados calculáveis.

### **2.2.3 Possíveis abordagens do mundo**

Esta seção explora a reflexão de Heidegger sobre o modo como o “desabrigar do real” se dá, isto é, como o homem precisa considerar a realidade e a natureza (e, simultaneamente, como a natureza se mostra quando assim considerada) para que ele aja tecnicamente. Analisa, além disto, de que maneira o homem se encontra neste desabrigar, em outras palavras, de que modo ele se encaixa na realização da técnica, especialmente a moderna, e no modo de descobrir a natureza que é próprio a esta técnica.

Para construir esta análise, Heidegger nos chama a atenção para o fato de que o esforço que fazemos para nos colocarmos em uma relação correta com a técnica é determinado por nossa concepção instrumental. Reduzimos esta busca ao lidar com a técnica de modo adequado. Na tentativa de enfrentar a questão sobre a técnica queremos dominá-la e tê-la “espiritualmente” nas mãos (376). O modo pelo qual a técnica moderna descobre a natureza é apenas uma das formas da natureza mostrar-se, se desencobrir. Nela a terra aparece como reserva de energia depósito, jazida a ser provocada, desafiada e explorada como fornecedora (381). Esta é a abordagem exploradora e nela o que se faz com a energia da natureza é dispor, abrir e expor, colocando-a à disposição, a postos. Esta maneira de desencobrir a realidade e a natureza vem predisposta a promover o máximo de rendimento e de proveito com o mínimo de gastos. A natureza aparece como dispositivo. Não mais a usina ou os produtos técnicos se instalam na natureza, mas a natureza está instalada na usina ou em aparelhos em geral como sua fornecedora. A natureza passa a ser (o que é) pela essência da técnica (382).

Este movimento é múltiplo, complexo, mas não indeterminado, sendo marcado pela segurança e pelo controle. Ele acontece em tipo próprio de desabrigar no qual tudo que é invocado ou requerido, tocado ou atingido se essencializa como disposição, como disponibilidade e deixa de ser aquilo que está defronte de nós como objeto.

O que é descoberto por este desabrigar (uma máquina como o avião) pode ser representado como um objeto, porém, quando é representado assim, encobre o que é e seu modo de ser, pois, enquanto se descobre como disponibilidade, o instrumento (ou o que seja disposto) aparece como algo que assegura e garante a possibilidade de alcançar o fim a que se propõe (voar, transportar) devendo estar pronto para tal (383). Há formas de desencobrimento com as quais o homem se compromete, entre elas, esta da técnica [moderna], na qual o homem é desafiado a explorar a natureza e tomá-la como representação, até que ela passe à disponibilidade e deixe de ser objeto (384).

Resumindo e interpretando a análise sobre a abordagem da natureza que acompanha a técnica moderna, o que acontece é o seguinte: o que chamamos de realidade é algo que aparece para nós. O modo como ela aparece está ligado ao modo com o qual nos comprometemos a descobri-la. O modo da técnica moderna não é o único modo possível de descobri-la, mas é o modo que se mostrou em nosso destino e possui características que lhe são próprias. Neste modo toda a realidade descoberta deve se mostrar exclusivamente como algo disponível, controlável, calculável. A realidade é vista como um sistema com um fim proposto e determinado (pretensamente pelo homem) e cujo funcionamento é operável. Este sistema funciona utilizando a energia da natureza, que deve estar à disposição para que o fim proposto pelo homem para a realidade, para todo objeto real, seja alcançado. Para que a realidade possa ser considerada desta forma é necessário descobri-la como disponibilidade, e encaixá-la no sistema que envolve causalidade, meio e fim. A realidade descoberta deste modo, encaixada neste sistema e representada deixa de se referir ao objeto que está diante do homem.

Dando andamento a esta seção observaremos o que Heidegger nos diz sobre que outras possibilidades de desencobrimento e de atitude de pensamento nos são oferecidas.

Buscando aprofundar a compreensão desta abordagem alternativa à científica e técnica, encontramos a proposta de atentar para o que ela é como um modo de descobrir que abre para nós um âmbito diferente para sua essência. Esta é uma perspectiva estranha e, por um tempo, opressora, que consiste no âmbito da verdade e no qual poderemos pensar com seriedade o que o nome técnica diz (380). Neste descobrir buscamos pensar a origem, não como uma tentativa de renovação do passado, mas para admirar seu desdobrar (386) Uma

visão mais atenta da composição (força que atrai o homem para o desenterrar da técnica) e do perigo que esta abriga, pode fazer aparecer aquilo que salva.

Pensar e perceber a técnica (inclusive como perigo) está no destino do desenterrar e lá está, não apenas a possibilidade de deixar o que estava sendo continuar a ser, retirando-o da ameaça da destruição, mas a possibilidade de chegar a uma essência fazendo-a aparecer em sua propriedade e isto constitui salvar (isto é, um modo de desenterrar a técnica diferente daquele no qual ela se baseia pode conduzir à salvação). Para alcançarmos esta salvação precisamos pensar o sentido em que a força salvadora se enraíza mais profundamente, olhar atentamente o perigo e questionar a essência da técnica na qual também se encontra esta salvação (391).

Passamos agora para a observação de como o homem está colocado (e se coloca) nesta relação. Na realização da técnica o homem aparece como um participante importante e seu papel para que esta técnica aconteça é completar e realizar este modo explorador que desenterra o que chamamos de real como disponibilidade. Contudo, este desenterrar não está sob seu poder, não está disposto para o homem. O que há é um apelo, um chamado e o homem apenas pode atender àquilo que o atinge, correspondendo ao que se anuncia (383-21ecl). Há uma a força que rege a técnica moderna que traz (chama, apela a) o homem para o modo de desenterramento explorador. Esta força é denominada por Heidegger composição. O trabalho técnico é a resposta ao apelo da composição, porém também não é ele que a produz, pois a composição não é ela mesma algo técnico (385). A partir dela a natureza aparece como depósito caseiro de energias, complexo de forças passíveis de cálculo.

A moderna e exata ciência da natureza e a física moderna (experimental), que usa aparelhos para questionar a natureza, são experimentais porque colocam a natureza como pura teoria e a levam a se expor como sistema de forças previsíveis e operáveis. O experimento destas abordagens serve para saber, questionar, testar e confirmar como se coloca a natureza e se ela se coloca nesta condição de pura teoria, de sistema de forças previamente calculáveis. (384) Algo desafia o homem a explorar a natureza e coloca-se a questão sobre de que maneira ambos pertencem à disponibilidade e qual o grau (de “originariedade”) deste pertencimento. Heidegger observa que hoje, também o homem está disposto para as indústrias (de madeira e de revistas bem como suas opiniões e informações),

mas, por ser desafiado ou requerido (a descobrir a realidade) de modo mais originário do que a natureza, não pode ser reduzido à disponibilidade. O homem participa do desafio sem fazer com que ele aconteça, assim como quando se encontra como sujeito em uma relação com um objeto, não é ele que faz a separação entre eles.

Toda relação de descobrimento que se estabelece entre o homem e o “real” e que possibilita que ele venha a ser o que é acontece em uma reivindicação, em um apelo, um chamado que o reivindica. Quando o homem se entrega, empenha-se, se solta ou se esmera lidando com o real, ele está inserido no que já se revelou e se descobriu, apenas respondendo a este chamado (386). O chamado a um modo de a realidade se desabrigar como disponibilidade, não acontece em um além do homem, mas também não acontece só no homem nem por ele (387). Por já estar na essência da composição, o homem não pode ser posteriormente relacionado a ela. Por isto, segundo Heidegger, a questão não seria saber como entrar em uma relação com a técnica moderna, mas saber se nos experimentamos como desafiados pela composição – esta força que nos conduz para tal modo de desvelar a realidade –, de que maneira nos entregamos ao que essencializa a composição e como nos empenhamos em seu processo. A essência da técnica moderna põe o homem no caminho (e no destino) do descobrimento do real como disponibilidade e neste caminho todo o real se torna disponibilidade (388). Não há uma ação humana contra este perigo de um descobrimento que carece da participação do homem, mas o que há é a possibilidade de um descobrimento mais originário (393).

#### **2.2.4 Os riscos que a técnica oferece**

Nesta última seção observaremos o aspecto da ameaça que a essência da técnica em seu modo de ser explorador nos oferece. A primeira ameaça que se destaca é a de escapar do domínio dos homens de maneira proporcional à pretensão que estes têm de dominá-la (376). Ao se envolver nesta busca, ao se engajar neste destino (do desabrigar explorador que domina a técnica moderna) o homem caminha sempre à beira da possibilidade de favorecer apenas o que se descubra como disposição e, assim, de trancar outra possibilidade: a de

empenhar-se em pensar a essência do que se descobre e seu descobrimento, ao mesmo tempo assumindo seu pertencimento ao desabrigar.

Esta possibilidade que é um perigo provém do destino. Cada possibilidade de descobrimento traz necessariamente o perigo de que outra possibilidade se tranque e de que o homem se equivoque, falseie ou interprete mal aquilo que se desabriga. Também no caminho no qual tudo se mostra como causa e efeito, tudo corre o risco de perder seu mistério em favor da representação (até mesmo Deus e o sagrado, por exemplo) e se transformar em algo determinado segundo a causalidade (transformada) e sem que esta causalidade seja pensada. As informações corretas sobre a natureza proporcionadas por sua exposição como sistema operativo e calculável trazem o risco de que o correto determine o verdadeiro. Com o descoberto não atingindo mais o homem como objeto, mas apenas como disponibilidade, também o homem só irá se tomar como disponibilidade. Ao se considerar como senhor dominador de tudo, cresce a ilusão de que tudo só aparece enquanto feito do homem e que este só encontra consigo mesmo em tudo. Esta é a pretensão (e o perigo que corre) do homem moderno: de que o real apareça como disponibilidade ao ponto de que o homem não mais perceba a composição que o impele para este destino como apelo, como algo que o atinge, e assim não escute este aspecto de sua essência e não consiga mais se encontrar em sua essência (389-28/29ecl).

O descobrimento como disposição, necessário à técnica moderna, cujos traços são o controle e a segurança, encobre principalmente o descobrir como “deixar emergir para aparecer em seu ser”, isto é, encobre até a essência dela mesma enquanto descobrir e, desta forma, também a verdade. Este perigo extremo está no destino da essência misteriosa da técnica, embora a própria técnica (distinta de sua essência) não seja demoníaca ou perigosa. Sua ameaça vai além do poder mortífero de seus equipamentos, pois atingiu a essência do homem quanto a sua possibilidade de descobrir de modo mais originário e de experimentar uma verdade mais inaugural (390). O perigo da composição é trancar o homem na disposição, tirando sua liberdade. Mas é também neste perigo que vem a tona nosso pertencimento ao que é concedido, quando e se tentamos pensar a essência da técnica (393).

Em suma, o texto mostrou o trazer para a vigência aquilo que não é vigente como elemento comum ao modo de ser da técnica na antiguidade e na

modernidade, porém distinguindo a imposição do deixar viger. Há o risco de que um modo de descobrir a realidade através desta imposição característica da técnica moderna interdite uma possibilidade mais própria de descobri-la e se torne exclusiva. Cabe ao homem pensar de modo meditativo e próprio este risco para que a possibilidade mais própria de descobrimento não seja extinta.

A partir da interpretação do pensamento de Heidegger, recortada conforme a proposta do presente trabalho, aparecem questões que se relacionam com a base de um pensamento e de uma postura diante da transformação cada vez mais radical da natureza e do ser humano que se apresenta neste momento e que serão exploradas adiante.